

Trabalho, mesmo em vaga formal, não garante saída do Bolsa Família

Trabalho não garante saída do Bolsa Família, mesmo com carteira assinada

Mais de 10 milhões de pessoas recebem o benefício, trabalham e estão na pobreza ou extrema pobreza; 'Salário não cumpre garantias constitucionais', diz especialista

Douglas Gavras

SÃO PAULO Após ser despedida de um restaurante por estar grávida, Ingrid Evangelista de Lima, 32, não tinha saída. "Fiquei sem emprego, foi bem difícil. Fiquei parada por mais de um ano, e o Bolsa Família era tudo que eu tinha para sustentar a minha filha mais velha e a bebê", conta.

Quando sua filha mais nova completou sete meses, a moradora de Diadema, na Grande São Paulo, entrou no programa Frente de Trabalho e hoje atua como auxiliar de limpeza em um Cras (Centro de Referência de Assistência Social) com um contrato de dois anos.

O salário mínimo que recebe vai para aluguel, luz, internet e outras despesas da casa, mas o Bolsa Família ainda a ajuda nos gastos com medicamentos e alimentação. "O benefício era a garantia de comprar fraldas para a minha filha, já o emprego atual me abriu a cabeça para muitos outros sonhos. Agora, quero prestar concurso."

Ainda que estejam trabalhando, 10,06 milhões de brasileiros entre 16 e 59 anos são beneficiários do programa Bolsa Família e se encontram em situação de pobreza ou extrema pobreza, sendo que 1,9 milhão deles têm emprego formal.

O grupo de beneficiários com carteira assinada inclui trabalhadores domésticos formais, aprendizes, estagiários, militares ou servidores públicos.

Enquanto isso, 6,86 milhões de trabalhadores que recebem o Bolsa Família atuam por conta própria, como autônomos ou fazendo bicos. Os demais (2 milhões) são trabalhadores temporários em áreas rurais, domésticos sem carteira e outros informais.

Os dados mais recentes, de novembro de 2024, são do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, e foram compilados pela consultoria Kairós Desenvolvimento Social.

Em todas as categorias, quem não declara trabalho pode pertencer a famílias em que outros membros estejam trabalhando. Na mesma família, pode haver mais de uma pessoa trabalhando.

Os beneficiários em situação de pobreza ou de extrema pobreza que não recebem salário ou estavam sem trabalho declarado eram 16,1 milhões (61,5%).

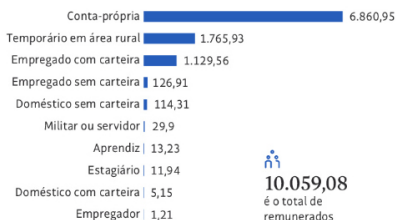
"O total de trabalhadores corresponde a mais de 38% das pessoas nessa faixa etária que recebem Bolsa Família e estão em situação de pobreza ou extrema pobreza, demonstrando que trabalhar, mesmo com carteira assinada, não é necessariamente uma 'porta de saída'", afirma Elvis Cesar Bonassa, diretor da Kairós. O especialista reforça que não



Ingrid de Lima, que é auxiliar de limpeza e beneficiária do Bolsa Família. Zazone Fraissat/Folhapress

Beneficiários do Bolsa Família em situação de extrema pobreza ou pobreza*

Em milhares

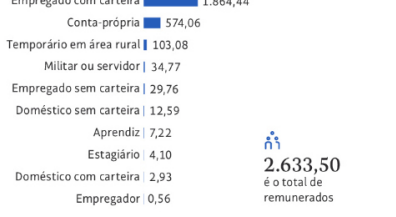


Conheça as regras do Bolsa Família

- A renda familiar per capita (por pessoa da família) deve ser de, no máximo, R\$ 218. O valor pode ser calculado pela soma dos rendimentos de todas as pessoas que moram na casa
- Também é preciso, por exemplo, fazer acompanhamento pré-natal, no caso de gestantes, ter a carteira de vacinação atualizada e observar o estado nutricional de crianças menores de sete anos
- Para as crianças de quatro a cinco anos, é preciso manter frequência escolar mínima de 60%, e de 75% para a faixa etária de seis a 18 anos incompletos que não tenham concluído a educação básica
- A família também precisa informar que é beneficiária ao matricular a criança na escola e ao vaciná-la no posto de saúde

Beneficiários do Bolsa Família em situação de baixa renda*

Em milhares



*Beneficiários de 16 a 59 anos. Fonte: Kairós, a partir do Cidades/Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome

existe uma porta de saída única, já que há um conjunto de questões que provocam a vulnerabilidade.

Especificamente na melhora da geração de renda, é possível encontrar maneiras de tornar o trabalho informal mais rentável, como o empreendedorismo de base comunitária.

Ele destaca o número de 1,77 milhão de trabalhadores rurais temporários que vivem em extrema pobreza ou pobreza e estão em famílias que precisam do benefício.

"É uma vida de incertezas, a gente consegue algo durante a safra da cana de açúcar, mas depois, tem de se virar com o que aparecer, e os salários que oferecem são sempre baixos", conta Cleusa Assis, 39, trabalhadora rural em Pernambuco.

Parte do Bolsa Família desde 2015, ela relata que é por meio dele que consegue manter a casa quando os adultos da família ficam parados. "Quem fala mal dele é por nunca ter precisado. É pouco, mas vai continuar nos ajudando até que eu consiga uma ocupação mais segura."

As situações às quais o Bolsa Família é destinado compreendem uma renda familiar mensal por pessoa (ou seja, o total de rendimentos dividido pelo número de membros da família) de até R\$ 109 para a extrema pobreza; a de pobreza, de R\$ 109 a R\$ 218.

Além disso, há a "regra de proteção", em que um inscrito de baixa renda consegue emprego ou se torna empreendedor, mas mesmo assim sua renda familiar per capita fica abaixo de meio salário mínimo (R\$ 706, em novembro), e a família continua a receber 50% do valor do benefício por um prazo de até dois anos.

De acordo com a Kairós, no grupo de baixa renda, que ainda configura vulnerabilidade, o número de trabalhadores remunerados é de 2,63 milhões. 1,91 milhão de pessoas têm trabalho formal.

Somando todas as categorias, portanto, há 3,1 milhões de pessoas com carteira assinada que não conseguem tirar a família dessa situação.

"O salário no emprego formal não cumpre a garantia prevista na Constituição de prover para si e para a família moradia, alimentação, educação", diz Bonassa.

"O que as empresas não pagam como salário, o governo transfere na forma de auxílio. Não deixa de ser um subsídio para empresas. A elevação do salário mínimo é indispensável para criar uma porta de saída real dos beneficiários", completa.

Auxiliar de cozinha em um restaurante popular de Guarulhos, na Grande São Paulo, Maria Nazareth Garcia, 65, encontrou a sua porta de saída. "O Bolsa Família é uma ajuda para quem precisa mais, a partir da hora em que consegue se manter, cortam. Mas com o que ganho, dá para viver", diz.

Ela começou a receber o benefício em 2020, na pandemia. "[O Bolsa Família] fez muita diferença, consegui também tarifa de energia mais baixa, ajudou bastante a mim, meu filho e meu neto. Agora, que não preciso mais, quero continuar trabalhando."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 13